

Inclusão e Educação

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-029-2

DOI 10.22533/at.ed.292191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Tecnologia – Educação. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 25 capítulos do volume I, apresenta os novos conhecimentos científicos e tecnológicos para a área da saúde especial das modalidades da saúde intelectual e mental, num viés da genética e a visão da psicopedagogia sobre a educação especial, a transição das Políticas Públicas para a educação especial e as transformações sob análises a partir da realidade local.

A Educação por Inclusão engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas tecnológicas nas áreas do Ensino, Novas Tecnologias Específicas, Psicopedagogia, Psicanálise, Educação, Políticas Públicas Brasileiras das Institucionais e Regionais que visam o aumento benéfico e produtivo na qualidade do ensino e desenvolvimento do aluno especial. Além disso, a crescente demanda por conceitos e saberes que possibilitam um estudo de melhoria no processo de participação e aprendizagem à educação inclusiva aliada a necessidade de recursos específicos.

A junção de pesquisas e a modernização da tecnologia compõem um contexto de educação inclusiva nas diversas modalidades da inclusão.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume I é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência e dificuldade psicológica de aprendizagem na perspectiva das Institucionais Regionais do Brasil, mais precisamente, as participações das Políticas Públicas Brasileiras Educacionais. Trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito escolar, desde as séries iniciais até prática de ensino em psicologia com idosos. Assim, aos componentes da esfera educacional que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente especial.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores às práticas educacionais, às contribuições da genética e da psicanálise a quem ensina, aos alunos especiais na transição da escola regular sob um olhar da psicopedagogia e aos educadores que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA META 4	
<i>Maria do Carmo de Sousa Severo</i> <i>Érica Nazaré Arrais Pinto Pereira</i> <i>Joiran Medeiros da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915011	
CAPÍTULO 2	10
EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ADULTOS: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA E DA ANDRAGOGIA	
<i>Mônica Campos Santos Mendes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915012	
CAPÍTULO 3	16
EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: EXPANSÃO E CONTRADIÇÕES (2003 – 2014)	
<i>Cleiton Leite Barbosa</i> <i>Afrânio Vieira Ferreira</i> <i>Sandy Andreza de Araujo Lavor</i> <i>Jeanne D'arc de Oliveira Passos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915013	
CAPÍTULO 4	26
“PRECISAMOS SER COMO CAMALEÕES?”: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ENSINO EM PSICOLOGIA COM IDOSOS	
<i>Edivan Gonçalves da Silva Júnior</i> <i>Maria do Carmo Eulálio</i> <i>Almira Lins de Medeiros</i> <i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915014	
CAPÍTULO 5	42
A APRENDIZAGEM EM QUESTÃO: CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E DA PSICANÁLISE A QUEM ENSINA	
<i>Juliana dos Santos Rocha</i> <i>Virgínia Dornelles Baum</i> <i>Marlene Rozek</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915015	
CAPÍTULO 6	57
A PERSPECTIVA INCLUSIVA PARA O FORTALECIMENTO DA RESSOCIALIZAÇÃO DE ASSISTIDOS DA CENTRAL DE ALTERNATIVAS PENAIAS DO CEARÁ – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Dafna Maria da Silva Ricardo</i> <i>Débora Rocha Carvalho</i> <i>Aline Maria Barbosa Domício Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915016	

CAPÍTULO 7 66

APRENDIZAGEM E ESCOLARIZAÇÃO EM FOCO: UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

Virginia Dornelles Baum
Juliana dos Santos Rocha
Marlene Rozek

DOI 10.22533/at.ed.2921915017

CAPÍTULO 8 81

AS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS, VOLTADAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO

Ana Cristina de Carvalho
Edicléa Mascarenhas Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.2921915018

CAPÍTULO 9 86

A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: IMPLANTAÇÃO DE POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Iris Mara Guardatti Souza
Regina Cohen
Patrícia Lameirão Campos Carreira
Angélica Fonseca da Silva Dias
Rita de Cássia Oliveira Gomes
Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior
Mônica Pereira dos Santos
Jean-Christophe Houzel

DOI 10.22533/at.ed.2921915019

CAPÍTULO 10 97

DESAFIOS FORMATIVOS VIVENCIADOS E SUPERADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE AGRESTINA - PE PARA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Cicera Mirelle Florêncio da Silva
Maria Aline de Macedo Silva Mendes

DOI 10.22533/at.ed.29219150110

CAPÍTULO 11 107

ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA ESTADUAL NA CIDADE DE CALDAS NOVAS NOS ÚLTIMOS 13 ANOS

Jullyana Pimenta Borges Gonçalves
Rosângela Lopes Borges
Marcos Fernandes Sobrinho
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.29219150111

CAPÍTULO 12 120

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA CIDADE DE CRATO-CE: O USO EM CONTEXTO RELIGIOSO

Luiza Valdevino Lima
Francisco Edmar Cialdine Arruda
Martha Milene Fontenelle Carvalho
Ana Patricia Silveira
Daniela Valdevino Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150112

CAPÍTULO 13..... 131

O PAPEL DA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP) COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Joselito Elias de Araújo
José Vinícius do Nascimento Silva
Pedro Eduardo Duarte Pereira
Flávia Aparecida Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150113

CAPÍTULO 14..... 141

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E MUDANÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A QUESTÃO DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA PERNAMBUCANA

Lúcia de Fátima Farias da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150114

CAPÍTULO 15..... 150

UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA BAHIA

Julimar Santiago Rocha
Maria da Conceição Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.29219150115

CAPÍTULO 16..... 163

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora Rocha Carvalho
Deldy Moura Pimentel
Terezinha Teixeira Joca
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.29219150116

CAPÍTULO 17..... 172

NAS TESSITURAS DA LEI 10.639/03: DIÁLOGOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL

Aparecida Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150117

CAPÍTULO 18..... 181

O DIREITO A EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA A PARTIR DO CONTEXTO DOS JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE

Daniel de Souza Andrade
Andréia Alves de Oliveira
Edneide Nóbrega do Rêgo
Elânia Daniele Silva Araújo
Janaina Dantas dos Santos
Lidyane Gomes Mendonça da Silva
Maria José Elaine Costa Silva Pereira
Marlene Eneas da Silva Falcão
Sônia Maria de Lira
Verônica Remígio da Silva e Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150118

CAPÍTULO 19	191
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ROTINA DO PROGRAMA FACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	
<i>Maikson Damasceno Machado</i>	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
<i>Eliata Silva</i>	
<i>Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150119	
CAPÍTULO 20	202
UMA REFLEXÃO SOBRE A POLITICA EDUCACIONAL INCLUSIVA NO BRASIL	
<i>Marília Piazzzi Seno</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150120	
CAPÍTULO 21	213
AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO	
<i>Scheilla Conceição Rocha</i>	
<i>Cândida Luisa Pinto Cruz</i>	
<i>Rita de Cácia Santos Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150121	
CAPÍTULO 22	224
UMA HISTÓRIA DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE UM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RUA	
<i>Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo</i>	
<i>Edivânia Paula Gomes de Freitas</i>	
<i>Leandra da Silva Santos</i>	
<i>Kelli Faustino do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150122	
CAPÍTULO 23	234
CIDADANIA E DIREITOS NO AMBIENTE ESCOLAR: FORMANDO CIDADÃOS, TRANSFORMANDO REALIDADES ATRAVÉS DO ESTUDO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS	
<i>João Maria Cardoso e Andrade</i>	
<i>Joana Paula Costa Cardoso e Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150123	
CAPÍTULO 24	244
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRÁTICAS NO COTIDIANO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS	
<i>Clemilda dos Santos Sousa</i>	
<i>Fernanda Nunes de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150124	
CAPÍTULO 25	255
TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCLUSÃO: A CRECHE COMO PRIMEIRO ESPAÇO	
<i>Sára Maria Pinheiro Peixoto</i>	
<i>Edileide Ribeiro Pimentel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150125	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	269

TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCLUSÃO: A CRECHE COMO PRIMEIRO ESPAÇO

Sára Maria Pinheiro Peixoto

Secretaria Municipal de Educação – SME
Natal-RN

Edileide Ribeiro Pimentel

Secretaria Municipal de Educação – SME
Natal-RN

RESUMO: O crescimento do número de crianças com deficiência adentrando os espaços escolares, fazem parte do movimento mundial pela inclusão e com ele, desafios que vem exigir espaços cada vez mais inclusivos. A educação infantil passou a ser direito de toda e qualquer criança e a creche é um dos primeiros espaços que vem contribuir no desenvolvimento da criança com deficiência, bem como a interação e socialização com as demais. Assim, este trabalho desponta de um estudo de caso sobre uma criança de 2 anos, com hipotonia muscular, em um diálogo sobre o seu processo inclusivo e a creche. As fundamentações teóricas estão nas reflexões de Martins (2006, 2015) Ariès (1981), Machado (2013), Sarmiento (2007), Moreira (2012), Melo e Lopes (2012), entre outros. No tocante aos aspectos metodológicos, seguimos com uma abordagem qualitativa, tendo como metodologia o estudo de caso. Consideramos o estudo relevante, uma vez que as salas de aula da

Educação Infantil além de um direito adquirido é uma necessidade básica de toda e qualquer criança, contribuindo em seu desenvolvimento pleno e integral. Pontuamos ainda a importância da formação docente para a concretização de práticas inclusivas, contribuindo na formação desses sujeitos plenos e rompendo com barreiras sociais excludentes.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Inclusão; Práticas; Creche

ABSTRACT: The growth of the number of children with disabilities entering school spaces is part of the worldwide movement for inclusion and with it, challenges that require more and more inclusive spaces. The education of children became the right of every child and day care is one of the first spaces that contribute to the development of children with disabilities, as well as interaction and socialization with others. Thus, this work emerges from a case study of a 2-year-old child with muscular hypotonia in a dialogue about their inclusive process and day care. The theoretical foundations are in the reflections of Martins (2006, 2015) Ariès (1981), Machado (2013), Sarmiento (2007), Moreira (2012), Melo e Lopes (2012), among others. Regarding the methodological aspects, we follow a qualitative approach, having as methodology the case study. We consider the relevant study, since the nursery classrooms

besides an acquired right is a basic necessity of any and all children, contributing in its full and integral development. We also emphasize the importance of teacher training for the implementation of inclusive practices, contributing to the formation of these full subjects and breaking with exclusionary social barriers.

KEYWORDS: Child; Inclusion; Practices; Nursery

1 | INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação, grandes foram os desafios que temos enfrentado e como professores, somos constantemente desafiados a refletir e repensar nossa prática cotidiana para desenvolver ações pedagógicas intencionais e conscientes que possam estar garantindo a todos o direito de aprender e avançar em suas aprendizagens contribuindo na formação integral do sujeito em todas as suas dimensões de formação humana. O sujeito está em permanente processo de aprendizagem, no qual sabemos que esta não ocorre isoladamente. São fatores das mais diversas ordens, seja social, cognitiva, afetiva, histórica e cultural que contribuem na formação desse sujeito, mas que por si não garantem a sua constituição.

O crescimento do número de crianças com deficiência adentrando os espaços escolares, fazem parte do movimento mundial pela inclusão, no entanto, como a política de inclusão traz benefícios para todos, estende também novos desafios para instituições, professores e sociedade de modo geral, desafios esses nada fáceis diante suas complexidades, seja para a escola como a família.

Adentrando os espaços da educação infantil, essas premissas não vão tão longe, além de um direito adquirido é uma necessidade de toda e qualquer criança, independente de classe, gênero, cor ou sexo, as salas de aula da educação infantil, passaram a ser reconhecida como um espaço educativo, comprometido com o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais e não podemos com isso, negar que este é um dos primeiros espaços que a criança já vivencia situações de inclusão, desde as necessidades básicas de cuidado da criança que compreende a alimentação, higiene, repouso, como também a indissociabilidade entre o cuidar e educar como eixos norteadores, conforme as Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil (DCNEI, 2010).

Na Educação Infantil, que compreende o espaço da creche à pré-escola, a criança vivenciará uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano, nos aspectos intelectual, emocional e motor, que será tanto mais rica e qualificada forem às condições ofertadas pelo ambiente e pelos adultos que a cercam, mas contribuirá em seu desenvolvimento. Daí a importância de um projeto educativo que compreenda uma aprendizagem de qualidade para todos.

O artigo intitulado “Trilhando os caminhos da inclusão: a creche como primeiro espaço”, vem mostrar justamente que o 1º espaço da pequena infância é a porta de

entrada da criança no contexto escolar inclusivo. A educação e os cuidados na infância foram amplamente reconhecidos como fatores fundamentais do desenvolvimento global da criança, o que coloca para os sistemas de ensino o desafio de organizar projetos pedagógicos que promovam a inclusão de todas as crianças e que garantam o direito de aprender segundo suas possibilidades, independentemente de suas diferenças e deficiências.

A atuação em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), como gestoras pedagógicas e administrativas, trabalhando com a criança com deficiência, tem proporcionado desafios e inquietações, suscitando o desejo em aprofundar o entendimento sobre práticas inclusivas. Sabemos ainda que precisamos compreender melhor esse espaço ainda muito desconhecido e que precisa ser mais explorado: a inclusão.

Assim o trabalho se propôs a investigar e promover práticas didático-pedagógicas inclusivas que pudessem estar contribuindo nesse processo de inclusão da criança no espaço. Com isso, pontuamos como objetivos específicos: compreender a deficiência e seus efeitos sobre a criança através da formação continuada in loco com os professores, investigar a deficiência a partir do contexto familiar e organizar estratégias que contribuam para a inserção da criança no ambiente escolar e promover estratégias que contribuíssem nesse processo de inclusão.

Pontuando a ideia de que toda ação inclusiva é de caráter coletivo, partimos da compreensão que esse trabalho não se dá sozinho, é preciso haver envolvimento de todos: gestão, coordenação, educadores, pais e crianças. Tendo em vista essa compreensão, as práticas educativas devem proporcionar essas interações com outras crianças e com adultos experientes, promovendo oportunidades de descobertas sobre si, sobre o outro, explorando as mais variadas linguagens que podemos oferecer no universo infantil, entre elas a própria linguagem do corpo, onde por vezes esse corpo, é visto apenas como organismo e negado enquanto existência na educação. Fernandez (1991, p.59) assegura bem quando afirma que “a aprendizagem passa pelo corpo”.

O presente artigo, é composto por uma discussão teórica acerca do paradigma da inclusão em contextos escolares, com o propósito de estabelecer uma interface entre creche, inclusão e práticas pedagógicas. Após a explanação teórica, enveredamos pelas descrições dos aspectos metodológicos, apresentando com mais riqueza o delineamento da pesquisa em uma abordagem qualitativa, caracterizando o Estudo de Caso. Seguimos com as análises e discussões dos resultados e, ao final tecemos algumas considerações, em uma articulação com os desdobramentos realizados durante o campo empírico ao qual nos debruçamos no caso estudado que permearam nossas inquietações bem como a fundamentação teórica apresentada.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Creche e inclusão: construindo os primeiros diálogos

Durante muito tempo, a educação da criança era considerada uma responsabilidade das famílias ou dos grupos social ao qual ela pertencia. Até meados da década de 80, não havia na Rede Pública Municipal do Ensino de Natal escolas destinadas à educação infantil, até porque nessa década, essas escolas tinham o caráter assistencialista de atendimento às crianças oriundas de famílias mais humildes. A universalização dessa etapa foi crescendo e surgindo em nossa cidade, os primeiros Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), como as creches e pré-escola e com eles a necessidade de se buscar uma melhor aproximação entre a fundamentação teórica à realidade escolar vivenciada, pautada em discussões sobre concepção e infância, criança desenvolvimento e aprendizagem.

Quando pensamos sobre a história da criança e infância, não temos como não reportarmos o nosso olhar ao passado, pois criança foi durante muito tempo considerado um “adulto em miniatura” com significado de infância completamente ausente, já sinalizava Ariès (1981), enfatizando que não havia sentimento de infância na idade média, logo, essa concepção foi tomando novas dimensões.

A construção histórica de infância movimentou-se por diferentes ressignificações ao longo do tempo. Assim, a infância sempre existiu, mas sob uma ótima categorizada e fragmentada. Somente séculos após que um novo olhar pairou sobre as especificidades sobre criança e infância e essa visão passou a ser construída sob um novo paradigma. Cada época teve sua maneira própria de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorreram ao longo da infância.

Sarmiento (2007), aponta que foi somente partir dos anos 90 que os estudos sobre a infância ultrapassam a área médica, da psicologia, passando a considerar-se como uma categoria social, portanto analisada numa estrutura social, se propagando assim muitos estudos sobre a criança e infância.

Hoje, século XXI, os documentos que norteiam toda a Educação Infantil compartilham de uma concepção de criança como ser produtor de cultura, que se constrói nas relações sociais, e que precisa ter sua autonomia respeitada. Essa é uma concepção, que vê a criança como um ser particular, com características diferentes das dos adultos, e com direitos como qualquer cidadão, tem como base o referencial sócio-histórico da psicologia nos estudos da infância é encontrada também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), principal documento que regulamenta a Educação Infantil.

Tendo em vista o conceito de criança como sujeito histórico, cultural detentor de direitos, ela é um ser que brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, constrói sua identidade pessoal e coletiva construindo sentidos sobre tudo o que está ao seu redor, aprendendo nas interações, relações e práticas cotidianas as quais vivenciam. (BRASIL, 2010).

À frente dessas reflexões aqui feitas e trilhando uma perspectiva educacional inclusiva, percebe-se a relação professor/aluno como incentivadora de um desenvolvimento global, viabilizando ao aluno a aquisição de capacidades cognitivas, sociais, motoras e afetivas, em uma ótica mais sensível e humana. Concerne ao professor a busca de estratégias, rompendo o paradigma de que a homogeneidade é a condição para o bom ensino. Há uma grande necessidade tanto do ser humano, quanto da própria sociedade em conviver, respeitar, valorizar e aprender com as diferenças.

Ao ingressar no espaço da Educação Infantil, independente de turma, idade, gênero, a criança traz consigo conhecimentos sobre os tudo o que está a seu redor, e esses conhecimentos são apropriados e (re)construídos nos diferentes espaços e relações em que vive, cabendo à escola sistematizar e ampliar o conhecimento da criança sobre esse corpo que fala, interage, se desenvolve e que aprende, o mesmo promovendo a sua socialização e inclusão nas práticas pedagógicas.

O atendimento na Educação Infantil para o público alvo da Educação Especial, é citado em nossa LDB (1996), no artigo 58, capítulo V, onde nos é assegurado o princípio da inclusão às crianças de zero a seis anos de idade em creches e pré-escolas. Mas sabemos que as políticas de inclusão nessa etapa, tem muito a avançar ainda. Nossa discussão estará pautada sobre a creche, por ser a primeira porta entrada de nossas crianças no processo inclusivo da sociedade.

A creche, é um universo riquíssimo que contribui para o desenvolvimento da primeira infância, dando espaços para se explorar as mais diversas especificidades dos pequenos, desde os aspectos cognitivos, motores, afetivos, orais, entre outros, corroborando na subjetivação da criança, bem como interação e socialização entre os mesmos.

Partindo dos princípios do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), planejado e organizado pelo Ministério da Educação (MEC), as creches, bem com as salas de aulas da pré-escola, devem além do cuidar e educar, proporcionar situações de aprendizagens e através de interações e brincadeiras, para contribuir no desenvolvimento da criança, na linguagem, como também a inclusão social da criança.

As atividades devem estar pautadas no brincar, na contação de histórias, oficinas de pintura, desenhos, produções manuais, músicas, além dos cuidados com o corpo para os pequenos que frequentam essa primeira etapa de suas vidas. (BRASIL, 1998).

O cuidar e o educar devem estar impregnados da ação pedagógica da consciência, instituindo uma cosmovisão integrada, do desenvolvimento da criança, tendo como parâmetros concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade próprias da infância. (MOREIRA, 2012, p.9).

Trazendo a discussão acerca da diversidade, sabemos que há uma vasta produção teórica e grandes reflexões sobre o atendimento às crianças com deficiência na Educação Infantil de modo mais amplo, no entanto, observa-se assim a necessidade

de ampliar estudos que propõem a interface entre essa fase da educação infantil e o processo de inclusão das salas de aula.

Desse modo, no que se refere a inclusão apesar de expressivos progressos, especialmente no tocante à legislação, às práticas escolares em sua maioria, ainda têm características marcadamente excludentes e sem uma proposta pedagógica fundamentada, ocorrendo muitas vezes ainda a integração escolar. O que se percebe é que muitas vezes, tais ações são desenvolvidas por falta de conhecimento mesmo por partes dos educadores infantis. Não se trata aqui de atribuir culpas ao professor, mas de reconhecer o caráter lacunar da formação inicial para sua atuação nesse campo que é tão importante para o desenvolvimento da criança.

Percebemos nos últimos anos, o crescimento das matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais nas classes de educação infantil. Nessa etapa, é importante não só atender à inclusão da criança que já apresenta uma deficiência comprovada ou não, mas também promover atividades desafiadoras que estimulem e contribuam para o seu desenvolvimento pleno, uma vez que essas crianças apresentam as mesmas necessidades que as outras.

Diante do exposto as crianças com deficiência, independente de suas condições sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, são crianças que também precisam de cuidados, atenção, afeto, proteção, com os mesmos desejos e sentimentos de observar, experimentar, construir sentidos, conviver, trocar, conviver e interagir com o outro cada qual com sua singularidade.

Sob essa concepção, considerando o brincar como uma ação privilegiada de desenvolvimento integral, elas têm necessidades distintas, desejos e sentimentos. Daí a necessidade do professor, promover essas possibilidades de trocas, interação, convívio, brincadeiras. Para a criança com deficiência, a atividade lúdica permeará todas as suas ações intencionais ou não, mas esta não pode ser privada de participar desses momentos.

Oportunizar a todas as crianças, desde seus primeiros anos de vida, ambientes de aprendizagem, coletiva, priorizando o brincar, é promover relacionamentos desde a mais tenra idade com outras crianças. É inseri-las em práticas sociais diversificadas, propícias ao estabelecimento de trocas, processamento de informações e experiências cotidianas, enfrentamento de riscos, oportunidade de tomadas de decisões. Na brincadeira, a criança interage com seus pares e com o meio social e cultural, é levada a agir espontaneamente e com autonomia. (MELO; LOPES, 2012, p.233).

Desde muito pequenas, as crianças são capazes de interagir com o mundo, a partir dos recursos que lhes são oferecidos. Dessa forma, acreditamos em um trabalho, no qual entende que o processo de aprendizagem, se dá nas interações da criança com seus pares, com os adultos e com um ambiente preparado com cuidado. É a partir desse cenário, que as crianças encontram problemas adequados para resolver, desafios planejados dentro de contextos lúdicos e que dialogam com o repertório

que já trazem consigo ao chegarem à escola, é assim que se dá o desenvolvimento. Consideramos ainda que o universo infantil é regido pela possibilidade de brincar.

Face ao exposto, somos responsáveis em estar trazendo para nossa prática o brincar e o aprender como processos inerentes ao desenvolvimento infantil. À medida que a criança é compreendida como ser ativo, criador de cultura, é importante considerar seu processo de construção de significados nos diferentes momentos sejam em suas brincadeiras, gestos e palavras.

3 | FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Apresentação do Caso

Para a realização desse estudo, optamos como procedimentos metodológicos, a pesquisa do tipo qualitativa, por valorizarmos as relações entre os sujeitos envolvidos e o entorno, suas relações e as implicações no processo ensino-aprendizagem. Partindo desses pressupostos, Bogdan e Biklen (1994), nos aponta a seguinte definição:

Utilizamos a expressão *investigação qualitativa* como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.16).

De natureza exploratória, apontamos o estudo de caso, como método investigativo mais adequado para alcançar nossos objetivos propostos. pois permite, aprofundamento e amplo detalhamento do problema investigado. De acordo com Marconi e Lakatos (2004), tal abordagem procura descrever com riqueza a complexidade do comportamento humano, fornecendo uma análise mais precisa sobre a investigação e outros aspectos. Ainda sobre o estudo de caso, este, por sua vez, permite o conhecimento detalhado do objeto de estudo, mediante um estudo mais profundo e exaustivo. (GIL, 2008).

A pesquisa foi desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), da cidade do Natal/RN. O CMEI, é uma instituição de pequeno porte com apenas 03 salas de aula, atendendo no ano de 2015 um número de 64 crianças no turno diurno, onde as crianças iniciavam suas atividades as 7 horas e se encerrava as 16 horas, compreendendo atividades que envolvia a acolhida, café da manhã, parque, atividades pedagógicas, banho, refeições, repouso, despertar, um segundo momento com atividades pedagógicas, refeições, higienização até a despedida, assegurando um atendimento de 7 horas diárias distribuídos em 200 dias letivos.

O CMEI conta com uma equipe gestora formada com 02 diretores, o diretor

administrativo-financeiro e o diretor pedagógico, 01 coordenador (turno vespertino), 03 educadores infantis (matutino) e 03 educadores infantis (vespertino), ambos concursados, 06 estagiárias, além de pessoal de apoio, merenda, secretaria e portaria, que por sua vez são prestadores de serviços.

No que se refere ao espaço físico, funciona em um prédio alugado que tem sua fundação em 2009. Sabemos que de acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006), ainda não estamos em um espaço ideal e que a estrutura física interfere no desenvolvimento do trabalho pedagógico, no entanto, até que a questão estrutural possa ser melhorada, foi necessário refletir sobre como podemos desenvolver com a estrutura física que dispomos, daí a importância do processo reflexivo constante no decorrer do nosso fazer pedagógico e que apesar disso não ficarmos impedidos de ir buscar um espaço inclusivo. A esse respeito Zabalza (1998) nos assevera:

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno: é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor. (BATTINI, 1982 p.229, apud ZABALZA 1998, p.24)

Já tínhamos recebidos em anos anteriores, crianças com deficiência, entre elas 01 criança com Síndrome de Down, 01 criança com Síndrome de Joubert e 01 criança com transtorno do espectro autista (TEA). No ano de 2015, recebemos uma criança com uma criança com diagnóstico de comprometido cognitivo e hipotonia Muscular, evidenciando a paralisação do tônus muscular, a linguagem e outras desordens neuromusculares, constituindo-se para nós um novo desafio.

A criança iniciou em nossa instituição com (dois) anos de idade, ainda de colo, sem firmeza muscular, não correspondendo aos estímulos do ouvir e do olhar. Sua linguagem oral, resumia-se a balbucios e gritos. A mesma era bastante assistida pela família e aos atendimentos dos especialistas. Nossas inquietações foram intensificando-se, pois, as ações pedagógicas que as educadoras realizavam não promoviam o efeito esperado, a escola precisava adequar-se à criança, e buscar compreender melhor, que caminhos seguir, que recursos utilizar, para “incluir-la” no cotidiano pedagógico da creche, instigando possíveis percursos para uma pedagogia inclusiva e comprometida com o desenvolvimento infantil.

Iniciamos, com uma entrevista semiestruturada junto a mãe da criança, que prontamente se dispôs a estar colaborando, e nessa entrevista, deixamos a mãe bem à vontade, para nos relatar desde sua gravidez até os dias atuais. Em conversa com a mãe, foi relatado que a mesma teve uma gestação normal, embora tenha apresentado uma infecção urinária fortíssima e sofrido um acidente de carro, a mesma entrou em trabalho de parto por volta de 36 semanas de gestação, precisando

fazer uma cesárea de última hora. Ao nascer, a quem chamaremos aqui de “Liz” (nome fictício), a criança já apresentou o fígado e o baço crescidos, com uma baixa intensidade do crânio, precisando também fazer o tratamento de foto luz.

A criança ainda internada, fez o tratamento adequado para o baço e o fígado, mas a baixa elevação no crânio permanecia. Aos dois meses de idade, a mãe percebeu que a criança não respondia aos estímulos, como também não apresentava movimentos. Começa-se então a batalha de exames e os levantamentos de hipóteses. Ainda com dois meses de vida, a criança inicia a fisioterapia para estimular os movimentos, pois a maturidade da mesma não acompanha a idade cronológica.

Liz, demorou muito tempo para se sustentar, aos 1 ano e 6 meses, começa a engatinhar, como também sai o laudo confirmando uma Síndrome de hipotonia muscular, ou seja, falta firmeza muscular. Com um atraso motor e na fala, por volta dos 02 anos, agora então aluna de nosso CMEI, a criança deu início ao fortalecimento do tronco. Paralelo a isso, foi descoberto ainda um problema na mielina, camada de revestimento da massa branca que veste os neurônios e que a criança vai dar início ao tratamento.

Diante os relatos da mãe, fizemos várias observações junto à criança, para sanemos de que forma poderíamos estar contribuindo no desenvolvimento dela. A criança fora da creche, era assistida pela fonoaudióloga, T.O (terapeuta ocupacional), psicóloga e ainda natação.

Considerando a Educação Infantil como um espaço visto sobre diferentes olhares, esse espaço só terá sentido se promovermos situações de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagens, interações entre criança-criança, criança-adultos e criança-espaço. O espaço precisa ser lúdico, acessível, dinâmico e vivo. Procuramos investir em diversas atividades coletivas e prazerosas, para que pudéssemos estar contribuindo no desenvolvimento da pequena Liz.

Realizamos atividades de contação de histórias, as mais variadas possíveis, atividades de circuito, onde proporcionávamos a todos, atividades de pular, correr, rolar, respeitando todas as condições e especificidades da criança relatada, fazendo as adaptações cabíveis de cada atividade, juntamente com a professora e a estagiária que acompanhava a criança.

Foram momentos de formação docente durante os planejamentos que acontecem uma vez por semana, junto à professora da turma, que nos instigaram esse desafio diário. Diálogos com a mãe, na troca de relatórios entre os diversos profissionais que assistiam Liz, e os relatórios de ordem pedagógica que o CMEI encaminhava a esses profissionais. Ressaltamos ainda sobre a importância desses outros profissionais nesse ciclo educativo.

A criança permaneceu conosco durante os dois anos, esteve conosco durante o Nível I (2015) e Nível II (2016), sendo encaminhada para as turmas de pré-escola em outra instituição.

A presença da criança com deficiência, nos representou a possibilidade da [...]

“prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica, ou origem cultural”. (STAINBACK, 1999, p.21).

Com a chegada da Líz, passamos a pensar em outros aspectos de suma importância: a acessibilidade, promovendo a inclusão do sujeito, respeitando a diversidade, viabilizando sua participação social, logo, contribuindo para que a igualdade de oportunidades possa ser concretizada na prática. (MACHADO; JÚNIOR, 2013).

Pactuamos com Martins (2006), que o chão escolar emana ações emancipadoras e exitosas, visando à acessibilidade e a inclusão efetiva, propondo frentes de mediação pedagógica, social, institucional e sobretudo humana.

3.2 Análise e discussão dos resultados

Em nossa prática docente, diariamente somos instigados a mediar ações pedagógicas que assegure a todos desenvolver suas potencialidades e avançar na sua aprendizagem. Sendo assim, um trabalho pedagógico comprometido com a formação integral, pode colaborar consideravelmente para a construção de um sujeito histórico-social crítico, reflexivo e inclusivo. Fazendo alusão a Freire (1996), é preciso educar visando promover um estado de reflexão que o educando o leve para toda a vida, formando a pessoa humana para o exercício da cidadania.

Os resultados apontaram que o processo de formação deve ser contínuo, que a escola precisa estar preparada para receber, acolher e incluir a criança, sem esperar que venha uma criança com uma deficiência “X” ou “Y” para a promoção das formações, é preciso se antecipar e envolver todos os sujeitos que fazem parte deste processo, a entrevista com a mãe da criança, sinalizou a necessidade de considerar o contexto familiar onde a criança está inserida e que a formação da família, são os primeiros agentes da inclusão, são os estímulos da família, que muito mais que a legislação, vão conduzir a criança à primeira porta que é a escola.

Na busca da escola inclusiva, evidencia-se um trabalho sistematizado que perpassa na ludicidade, na curiosidade, no desejo e no prazer. As atividades relacionadas ao brincar estão intimamente relacionadas à afetividade e suas expressividades e devem ser utilizadas como práticas inclusivas, como forma de reconhecimento da diversidade, da linguagem, visto que compreendemos que a aprendizagem

Com relação a adequação dos instrumentos de ordem pedagógica para a inclusão, é uma estratégia em curso, que, como a formação docente, problematiza e provoca essa mudança. Ainda se tratando de um contexto de inclusão de crianças, é de fundamental importância que a mesma seja vista como criança, não lhe sendo negada esta condição, o desafio, enquanto equipe gestora é a promoção da formação docente em lócus, buscar espaços na rotina em que se valorize a observação, registro, análise e reflexão de ações docentes, atividades que integrem e inclua essa criança, em tempos e espaços, em todos os momentos da rotina como a roda, contação

de histórias e atividades diversificadas exploração da linguagem em todas as suas dimensões, continuar adaptando o lápis, a cadeira, as brincadeiras, dentre outros.

4 | CONSIDERAÇÕES

No processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil, temos que ter clareza que o lúdico, o movimento e as brincadeiras são fundamentais, pois é através delas, que as crianças criam condições de desenvolver as suas capacidades, formam conceitos, criam as suas hipóteses, selecionam ideias, estabelecem relações lógicas, integram percepções e se socializam.

É nessa dinâmica de comprometimento que emergem os sinais de um trabalho inclusivo, tendo um trajeto a ser construído por todos, ou seja, pais, educadores, coordenadores, com o intuito de promover o desenvolvimento de uma infância compreendida e valorizada no seu momento, nas suas particularidades. Uma Educação Infantil de qualidade requer acima de tudo, experiências significativas para as crianças, pois estas determinam o intercâmbio dela com o mundo, absolutamente necessário para a vida e o viver de qualquer cidadão.

Desse modo, o grande desafio é estruturar um fazer pedagógico que contemple tanto os cuidados necessários ao desenvolvimento da criança, quanto os conhecimentos a serem por elas apropriados. O cuidar, o brincar e o educar são ações indissociáveis no processo educacional da criança e ambos têm igual seriedade no cotidiano da educação infantil. Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil apontam o brincar ao lado do cuidar, considerando que "nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuem anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam". (RCNEI,1998, p.27)

Ainda a esse respeito, Craidy e Kaercher (2001), nos afirma o seguinte:

Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro com o mundo [...] A criança parte primeiro das brincadeiras com o seu corpo para, aos poucos, ir diferenciando os objetos ao seu redor. (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p. 104)

Nessa perspectiva, para que ocorra de fato o processo de inclusão na creche, faz-se necessário oferecer mais do que a garantia legal do acesso ao ensino regular. É essencial proporcionar aos alunos com deficiência a possibilidade efetiva de aprendizagem, que pressupõe melhoria no sistema escolar estendendo-se ao acompanhamento pedagógico adequado, reflexão/ação no currículo, na gestão escolar, garantindo ao aluno com necessidades especiais o acesso ao conhecimento, utilizando-se de ferramentas e tecnologias apropriadas.

Partindo dessas proposições, compreende-se como Educação Inclusiva a prática

de inclusão de todos, independente de suas diferenças, em escolas que possam satisfazer suas necessidades. Martins (2006, p.19) nos diz que “é um movimento que busca repensar a escola, para que a escola da discriminação dê lugar à escola aberta a todos”. Assim, uma escola inclusiva, de fato, mostra-se disposta a receber todas as crianças, no entanto precisa ter uma proposta pedagógica adequada, elaborar estratégias, apoios e adequações necessárias que viabilizem o avanço de suas aprendizagens, garantindo-lhes esse direito.

As situações em que a criança vivencia com o outro, seja adulto ou crianças no CMEI, desde a sua acolhida até a saída, devem proporcionar momentos de inclusão. A concepção de inclusão dos educadores, vão respaldar uma prática diária, instigando a criança estar mais confiante, adaptada e segura. Assim, os envolvidos nesse processo precisam estar dispostos para esse grande desafio, que é olhar a criança, a partir de seu potencial, não de sua deficiência.

O docente tem fundamental importância na inclusão dessa criança, mas não somente este, é preciso o engajamento de todos, para estar ajudando na mediação desse processo, para que possamos estar promovendo a aprendizagem através de situações metodológicas inclusivas, quebrando barreiras atitudinais.

Acreditamos sim, na promoção da inclusão da criança adentrando os espaços da creche, apesar das inúmeras dificuldades que nós enfrentamos, mas é preciso acreditar e buscarmos parceria com essa tríade criança - escola - família, em busca de um amanhã melhor.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.1, v2, v3.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010

BOGDAN, Robert C. BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria dos Métodos** . Tradutores: Maria João Alvarez e Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto Editora: Portugal, 1994.

CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo,

SP: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Nara Pessoa de Araújo; JÚNIOR, Aarão Pereira de Araújo. Estudo de Caso no Ambiente Construído: Acessibilidade em Escola Pública de Ensino Fundamental no Município de João Pessoa. In: **Acessibilidade no Ambiente Construído**: questões contemporâneas/ Angelina Dias Leão Costa, Nelma Mirian Chagas de Araújo (org.). – João Pessoa, PB:IFPB, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS Lúcia de Araújo Ramos. A diferença/deficiência sob uma ótica histórica. **Revista em Educação em Questão**. Natal: EDFURN, v.8/9, n.2/1, jul-dez, 2006.

_____. Lúcia de Araújo Ramos. **História da educação de pessoas com deficiência**: da antiguidade ao início do século XXI. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Natal, RN: UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

MELO, Francisco R. L. Vieira; LOPES, Conceição A. Oliveira. O brincar é para todos: reflexões sobre o brincar e a inclusão na Educação Infantil. In: MARTINS, L.A.R; PIRES, G.N da luz Pires; PIRES, José. (org). **Inclusão escolar e social: novos contextos, novos aportes**. Natal: EDUFRN, 2012.

MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. 1ª ed. São Paulo, Telos, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Visibilidade social e estudo da infância**. p. 25-49, 2007.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZABALZA, M. A organização dos espaços da educação infantil. In: **Qualidade na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Danielle H. A. Machado - Graduada na Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Inglesa. Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Secal (Sociedade Educativa e Cultural Amélia). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Esap (Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação). Pós-Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade São Braz. Pós-Graduada em Qualidade Pública e Responsabilidade Fiscal pela Faculdade São Braz. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialectologia, Teoria Literária, Língua Portuguesa e Inglesa. Na área da Indústria possui experiência de Interpretação de Textos Técnicos em Português e Inglês, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Produção e Gestão Industrial no SENAI/ PG (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema Fiep, Conselheira da Gestão do Clima, Co-fundadora do ProPcD – Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de trabalho. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-029-2

